

# O COMUNISTA



ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos

PROPRIEDADE DO GRUPO EDITOR "O COMUNISTA"



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOSÉ RODRIGUES

Redacção e Administração RUA DO CONDE DAS ANTAS, 61 1/2

Composição e impressão TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 35 - LISBOA

## SITUAÇÕES CLARAS

A *Capital*, de 8 do corrente, num artigo intitulado «Quando sairá a Revolução», disserta largamente sobre um movimento revolucionário que esteve para explodir no dia 2 de Outubro e a certa altura afirma categoricamente:

— São, pois, elementos radicais e comunistas os que preparam a revolução. Afirmam-no os seus próprios dirigentes.»

Ora o Comité Executivo do P. C. P., única entidade com autoridade para definir a acção partidária da Secção Portuguesa da Internacional Comunista, não afirmou coisa alguma, mas vai agora afirmar com a precisa clareza.

Sim, porque nós não somos como os outros que conhecem os factos, que não interferem mas que os negam, com um impudor que é de pasmar. Nós queremos que nos conheçam tal qual somos. Nem mais.

Em primeiro lugar, os movimentos políticos revolucionários em Portugal, não tendo senão agravado a situação económica do país dada a falência dos pretendidos reformadores, só no proletariado tem aproveitamento, porque a força deste cresce e avigora na razão directa do enfraquecimento dos grupos políticos burgueses que monopolizam o poder. E a *Capital* não mente quando diz que nós semeámos a intriga entre os agrupamentos políticos do regime. E o que queria a *Capital* que fizéssemos? Que os apoiássemos? Não pense nisso.

Encarando a questão sob este aspecto, nós julgamos que não há inconveniente em que as fracções do proletariado revolucionário tenham participação, não oficial, mas por intermédio de alguns camaradas, a isso voluntariamente dispostos, nos actos revolucionários que, afinal, só tem servido para queimar os políticos. E, por isso, nós deixamos lenha na fogueira.

Esta atitude tem também os seus perigos. Participando nos movimentos revolucionários dos políticos, alguns comunistas, sindicalistas e anarquistas, são absorvidos pelas correntes políticas, com as quais se põem em contacto. Donde se prova que é fácil queimar a quem meche no fogo.

Todavia, pesados os prós e os contras nós reconhecemos a existência dum saldo positivo a nosso favor.

Colectivamente, o P. C. P. não se comprometeu ainda com quaisquer grupos políticos. Mas devemos ser francos e confessar que estamos prontos a entrar em combinações com quaisquer grupos políticos da esquerda desde que se aceite para base de discussão e acção a tese «O governo dos operários e camponeses», rectificada pela I. C., e que o próximo congresso do P. C. P. sancionará por certo.

Todavia, o P. C. P. é jovem. E carece, para entrar nessas combina-

## A FRENTE ÚNICA DO PROLETARIADO

## A falência da Democracia

Parecerá estranho, a quem vivo afastado da vida operária e socialista, o espectáculo que oferece o proletariado português com as suas divisões e disputas contínuas.

Por muito doloroso que este espectáculo se afigure às almas bem intencionadas, a verdade é que essas divisões e disputas se baseiam em teorias e princípios inconciliáveis.

Basta formular algumas perguntas essenciais para que a divergência dos pontos de vista de cada escola se assinala com evidência.

Assim, por exemplo: — Quais serão os factores determinantes da Revolução?

Os social-democratas, interpretando as decisões do Congresso de Hamburgo, dirão:

— Sim, a guerra arrastou o capitalismo a uma situação de crise palpável, mas por isso mesmo é imprudente fazer a Revolução. É indispensável que o capitalismo resolva a sua crise, entre de novo no caminho normal da produção, que o Estado se demostre cada vez mais e conceda novas reformas operárias e sociais. No termo da evolução assim consumada está naturalmente a Revolução.

Os anarquistas, replicarão:

— A Revolução, tal como nós a concebemos, só é exequível como conseqüência do desenvolvimento intelectual do proletariado. Só criando em cada indivíduo uma consciência poderá subsistir a garantia dum sociedade livre, onde se não exerçam pressões de nenhuma espécie.

Nós, os comunistas, responderemos:

— A crise capitalista é palpável e insolúvel. Estão pois patentes os factores determinantes da Revolução e ha-

que efectivá-la. De posse do poder político o proletariado mais facilmente creará as condições indispensáveis ao seu desenvolvimento intelectual e á sua emancipação económica. Não nos preocupa a liberdade individual porque o que queremos garantir é a liberdade colectiva do proletariado.

Ha pois tres respostas que se não conciliam. E nós, comunistas, por cousa alguma abandonaremos o nosso ponto de vista, o que seria negar a Revolução no seu caracter eficiente.

Não ha pois possibilidade do estabelecimento da frente unica do proletariado sob a base do ponto de vista teorico e tatico, falando dum modo geral.

Mas, na luta constante de todos os dias surgem conflitos em que não entram as teorias e os processos taticos de qualquer escola.

Assim, por exemplo, a questão da conquista dos salarios e da manutenção da jornada de 8 horas de trabalho, os problemas do inquinamento e da carestia da vida, a luta contra o fascismo, etc. Não é só estúpido que o proletariado se apresente desunido e desunido em face destas questões, perdularisando estorços inúteis. Não é só estúpido, dissimulo. E' tambem criminoso. Estúpido, criminoso e inconcebível Sim, só criaturas duma ignorancia crassa, só criaturas de má fé, podem alimentar esta campanha de desagregação que se vem praticando nos nossos meios operario e socialista. Aqui já não ha uma questão de teorias e de taticos divergentes. Ha a burrice, ha a vaidade, ha a intenção criminosa.

E' preciso que o proletariado se aperceba bem como e da que maneira

certos dos seus leaders pretendem defender os seus interesses, exigindo-lhes as precisas responsabilidades. O processo de não fazer e não deixar fazer é absolutamente condenavel.

E' legitimo que cada um defenda com entusiasmo, e paixão até, os principios da sua escola. O que não é legitimo, o que é inadmissivel, é que se calculem aos pés os interesses da classe operaria por imbecillidade ou por capricho. Tal attitude merece ser imediatamente reprimida.

Qual é a maneira pratica de dar realidade a esta concepção da frente unica do proletariado?

Eis o que nos parece mais pratico e razoavel:

1.º Para dirigir o pacto da frente unica e dar direcção ao que for acordado é nomeada uma comissão composta de 7 membros e constituída do seguinte modo:

Part. Soc. Portuguesa. 2 delegados  
Part. Com. Portugues. 2  
C. G. T. .... 3

2.º Todas as decisões da Comissão Central que obstem a maioria de 5 votos obrigam os organismos aderentes ao pacto.

3.º As teorias de cada escola são vedadas á discussão no seio da Comissão Central, ficando cada organismo com a liberdade ampla de criticar as decisões tomadas bem como á defesa previa de quaisquer discussões a tomar.

4.º Cada organismo tem o direito de aderir ou não aderir a qualquer decisao tomada desde que os delegados desse organismo unanimeamente hajam reprovado a decisao referida.

Eis o que nos parece essencial se se quere estabelecer de verdade a frente unica do proletariado.

Os sagrados principios daquelas homens que vistos a pouco mais d'um seculo de distancia se nos afiguram gigantes, daqueles que, quasi todos devorados pela Revolução, proclamaram os direitos do homem e do cidadão, esses principios conquistados a mercê de tanto estorço, de tanto suor e de tantas vidas preciosas, esses principios, estão em plena e inevitavel derrocada.

Os optimistas defensores do sistema persistirão afirmando que se trata de crises passageiras, das quaes a Democracia resurgirá triunfante e mais vigorosa. E' a desforra dos venenos.

Mussolini e Primo de Rivera encoraram com relativa facilidade, porque o ambiente para as suas victorias estava de ha muito preparado. Quem o preparou? Mal de quem ninguém aqueles meamos que de democratas se apudam. De facto, os principios democraticos da constituição perante a lei, da abolição dos privilegios de nascimento, da liberdade de consciencia e de crengas, da obrigatoriedade do ensino, os direitos de reunião e associção, a inviolabilidade do domicilio, a prisão sem culpa formada, o sigillo da correspondencia, o direito de petição, o direito de resistencia a qualquer ordem que infrinja as garantias individuais, etc., etc, todos estes principios basicos da Democracia foram calçados pelos governos democraticos.

E quando um sistema se desloca da sua direcção, quando os defensores dum regime põem abertamente em opposição as suas palavras com os seus actos, a queda é fatal, nada ha que a evite.

Certas instituições democraticas como o parlamentarismo e o juri, estão absolutamente desarruinadas.

O parlamento tornou-se uma máquina impeditiva de qualquer trabalho proveitoso em prol da col-vidade. Ele preocupa-se de preferencia com os interesses particular- e dos grupos e das empresas, cujos representantes constituem a quasi totalidade dos corpos legislativos. Com o juri sucede uma coisa semelhante. Absolvem-se os criminosos que dispõem do dinheiro e protecção; condemnam-se os culpados que nada podem.

O nosso paiz é um espelho fiel de quanto pode descer em corrupção, em incapacidade e em arbitrio, uma Democracia.

E por isso a Democracia está insuportavelmente condenada, aqui como em toda a Europa latina.

As soluções de Mussolini e Primo de Rivera são evidentemente transitorias. Não se podem crear regimes politicos artificiaes, sem uma base economica. E qual é a base economica dos sistemas de Rivera e de Mussolini? Parece que o nacionalismo — chamemos assim e duma maneira generica o novo sistema — pretende apoiar-se nos interesses das classes medias, tão duramente experimentadas pela guerra. As classes medias, porém, não tem senão um objectivo, que é ocupar o lugar da alta burguezia em proveitos e domínios.

O sistema persistirá pois o mesmo, agravado ainda pelo aumento do numero dos imprudentes e tendo como conseqüencia um maior exacerbamento de luta de classes.

Sim, a situação de Mussolini e de Rivera é transitoria. Mas quando sairmos dela não é para voltar á Democracia dos nossos avós da Grande Revolução. E' para se iniciar uma ditadura ferrea, a ditadura do proletariado.

ções, de dispor de forças que ainda não conquistou.

A *Capital* mostra-se ainda mal informada quando diz que os comunistas exigiam a libertação dos presos por questões sociais, etc.

Também a este respeito devemos ser muito francos, não querendo de modo algum emparceirar com outros grupos e os seus orgãos na imprensa que defendem verdadeiros e autenticos bandidos só porque são da sua grei.

Há, na torre de S. Julião da Barra, no Limocero e mais partes, operários presos em condições especiais, contra o que taxativamente dispõe a Constituição, e vítimas de tratamentos barbaros. Contra estes factos estamos sempre dispostos a protestar com vehemencia.

Quanto aos individuos presos, a nossa situação é de expectativa. Pensem sobre alguns desses individuos accusações graves de delicto comum. Aguardamos os acontecimentos. Se se provar a falsidade da accusação, o P. C. P. recobê-los há como victimas, se se provar, pelo contrário, que eles participaram em actos de delicto comum, o P. C. P. apontar lhes há inexoravelmente o caminho da rua.

Percebeu a *Capital*? Nós não defendemos criminosos vulgares só porque se digam comunistas. Nem todos poderão dizer o mesmo.

E ouça mais:

A I. C. condena formalmente o atentado pessoal. Isto não quer dizer que numa acção de massas tenhamos hesitações em recorrer aos processos de guerra.

Um esclarecimento ainda, já que estamos em maré de confissões:

O que daria o movimento anunciado se triunfasse? Possivelmente o mesmo que tem dado as outras. Anarra.

Há sem dúvida, na extrema esquerda republicana criaturas animadas das melhores intenções, espiritos progressivos, mas há também, santo Deus, muitas ambições e muitos despeitos a tumultuar e referver. E estes são em grande numero.

Daf...

### ESPIRITO LIBERTARIO

O Conselho Confederal da C. G. T. negou aos sinistros do manifesto *Berlim ou Moscou?* o direito de responder na *Batalha* ás intrigações do M. J. de Sousa.

Nós achamos muito bem, por que nada ha para escangalhar os homens como a contradicção entre as suas afirmações e os seus actos.

Optimo! Excelente! Os libertarios, em nome da liberdade, que eles defendem como ninguém, a mais ampla, a mais larga liberdade, permitem-se o direito de insultar, de ultrajar, mas não consentem que os insultados digam de sua justiça. Coitados!

### O ensino superior na Russia

Os estabelecimentos de ensino superior em Petrogrado completaram a sua transformação e adaptação á nova ordem de cousas salidas da Revolução.

A partir deste ano nas escolas applicam-se novos programas. Nos estabelecimentos de educação técnica, as faculdades correspondem dora avante ás grandes industrias, tendo o ensino por base o conhecimento da produção. Contam-se as faculdades seguintes: — 1) Extração de substancias uteis; 2) produção quimica; 3) exploração de energia; 4) electrotecnica; 5) vias e comunicações; 6) architectura.

Cada uma destas faculdades conta de 3 a 14 ramos de ensino especial. O estudo de linguas estrangeiras é obrigatorio para os engenheiros e técnicos diversos.

A reforma do ensino pedagogico é completa. Os estabelecimentos superiores tem por missão principal fornecer mestres á escola do trabalho. Materias inteiramente novas foram introduzidas, tao como a educação social politica da creanga, a sua preparação para a produção, o desenvolvimento das suas aptidões técnicas e esteticas. Todo o ensino tem uma directiva essencialmente pratica. A facilidade de matematicos forma astronomicos, geodesicos e geodesicos. As investigações de ciencia pura são reservadas aos institutos especiais.

Todo o ensino novo se orienta portanto: — 1) para a produção; 2) para a difusão dos conhecimentos praticos e técnicos; 3) para a educação socialista do futuro produtor.





# A DEFESA DO SINDICATO UNICO

## Moção de ordem para os nucleos sindicais comunistas

A concentração operada nos últimos anos no campo industrial força e preterido a adotar a sua organização de combates a este novo estado de coisas. O objectivo maximo, supremo, será: para cada empresa um sindicato. Todavia, a intensificação industrial entre nós não permite imediatamente a realização deste principio. Mas é sem duvida um erro de marca que em face dum industrial de tipografia ou de metalurgia os operarios das diversas profissões daquelas indústrias, se apresentem divididas em diferentes sindicatos.

O termo *sindicato unico* foi importado de Espanha e, naturalmente, como quasi sempre acontece entre nós, deu-se-lhe uma aplicação nem sempre conveniente aos interesses da luta operaria. De modo que, é facil encontrar sindicatos unicos que não verdadeiros amalgamas de profissões não correlativas. Pretendem-se constituir o *sindicato unico* sob a base da materia prima utilizada. E assim, nós vemos no *sindicato metalurgico de Lisboa*, de volta com os operarios das officinas metalurgicas, os curvies e os soldadores da industria de conserva. Porquê? Porque trabalham com metais. Pelo mesmo criterio deveriam estar no *sindicato metalurgico* os compositores tipograficos que trabalham com chumbo. O *sindicato metalurgico do Porto* foi mais amplo, englobou os guardasoleiros, porque as varetas dos guarda-soes são de ferro. Isto é dum comico irrealizavel. O *sindicato unico não pode ter outras bases que não sejam o agrupamento por empresa ou por profissões correlativas, tendentes a um mesmo fim utilitario*. Obedecendo a estes principios, o *sindicato unico*, apresenta vantagens em relação ao antigo *sindicato por profissão*, trabalhando isoladamente.

Existem em Portugal alguns sindicatos unicos cuja constituição é bastante anterior aos sindicatos unicos de Espanha. O Sindicato dos Fabricantes de Armas e Officinas Accessorias dá-nos um excelente tipo de *sindicato unico*. Agrupa os operarios de quatro estabelecimentos diferentes e entre os quais existe uma multiplicidade de profissões as mais variadas. E todavia esta organização corresponde a uma necessidade imperiosa demonstrada pela pratica da luta sindical. Os arsenais do exercito constituem uma administração autonoma dependente do Ministerio da Guerra. E' como se tratasse duma dada empresa industrial com diversos estabelecimentos. Por este modo, os operarios apresentam-se sempre unidos em face do mesmo patrão. Gosariam de mais vantagens os arsenais do exercito se estes fossem agrupados por profissões? E' evidente que não. Não haveria a mesma possibilidade de estabelecer uma uniformidade de reclamações.

Os metalurgicos, os curvies, os carpinteiros, os serventes, os escripturarios, etc., poderiam ou não actuar simultaneamente e com os mesmos ou diferentes objectivos. Os operarios do Arsenal da Marinha e da Cordoaria Nacional, estabelecimentos que constituem, tambem, uma administração autonoma, dependente do Ministerio da Marinha, formam outro *sindicato unico*, organização que a experiencia demonstra ser a mais proveitosa. Os operarios dos caminhos de ferro do Estado formam dois sindicatos em vez dum, visto haver uma só administração dos caminhos de ferro do Estado. Mas aqui é uma questão de localização das duas linhas, a do Sul e Sueste e a do Minho e Douro, distanciadas por centenas de kilometros, que impõem essa divisão. Haveria alguma vantagem em tirar destes sindicatos os metalurgicos, os pintores e os estofadores, para os levar para os seus sindicatos profissionais? Nenhuma. Pelo contrario. Seria dispersar os operarios em face do mesmo patrão, isto é, seria precisamente destruir as vantagens do *sindicato unico*. O *sindicato unico* deve pois ser constituído sob as seguintes bases: todos os operarios, empregados ou auxiliares que trabalham sob o dominio dum mesmo patrão ou os operarios de profissões correlativas que concorram para um mesmo fim utilitario e que tenham por consequencia a possibilidade de trabalhar numa mesma empresa, devem pertencer ao mesmo *sindicato*.

A base materia prima para a constituição do *sindicato unico* é evidentemente absurda. Um carpinteiro de moldes e um fundidor, trabalham com materias primas diferentes, e, todavia, vulgarmente se encontram trabalhando lado a lado na mesma empresa e sob o dominio do mesmo patrão. Pelo contrario, não se encontra o curvies ou o soldador da industria de conservas ao lado do serralheiro, numa empresa metalurgica.

O carpinteiro, o pedreiro e o pintor trabalham com materias primas diferentes e entretanto estão bem no *sindicato unico* da construção civil, por que frequentemente se encontram sob o dominio dum mesmo patrão.

A correlação existente entre as diversas profissões que vulgarmente se encontram associadas para a realização dum determinado fim, eis o futuro, a base do *sindicato unico*. Mais ainda: os auxiliares duma industria ou duma empresa devem temporariamente fazer parte do *sindicato unico* dessa industria ou empresa. Por exemplo: os escripturarios das empresas ferroviarias devem agrupar-se no *sindicato* respectivo dos ferroviarios. Os metalurgicos trabalhando na industria de conservas devem estar agrupados no *sindicato unico* das conservas. O fim do *sindicato unico* é estabelecer a *unidade operaria em face do patrão*. E o *sindicato unico* metalurgico, agrupando os soldadores, consegue exactamente o oposto, isto é, consegue separar-las das outras profissões da industria da conserva — os preparadores, os moços e as mulheres. Está-se a ver o absurdo de tal situação. Num caso de realização de soldadores, os moços e as mulheres empregados na industria toem de suportar com os soldadores o peso da greve sem aproveitarem dos beneficios, quando os houver. Este caso dá-se frequentemente em Setúbal onde não existe o *sindicato unico* mas sim os sindicatos de profissões.

Enfim, o absurdo avoluma ainda se se ultrapassar o limite das reclamações cotidianas, se se quiser colocar o *sindicato* em director da produção. Sob o ponto de vista tecnico e economico, o que daria a conjugação de esforços dum serralheiro com um curvies ou dum torneiro com um relojoeiro? Quando e como se viram estas profissões, com destinos e fins tão diversos, trabalharem associadas?

Julgamos ter esclarecido suficientemente o assunto.

E' de harmonia com os pontos de vista expostos que os nucleos sindicais comunistas defendem a constituição dos sindicatos.

## Os museus de Petrogrado

Os museus de Petrogrado do que se tem tantas vezes no estrangeiro anunciado a destruição e a ruina, estão consideravelmente enriquecidos depois da Revolução. Muitos são de criação recente, como o da Revolução, o do Palacio de Inverno e o da Etnografia. Enfim, importantes colleções artísticas privadas figuram hoje nos museus. Petrogrado conta hoje 16 museus e 6 palacios-museus, nos quais é necessario juntar ainda os de Pevlók, Diestok Selo, Gatchina e Peterhov. Os museus são: o museu de pintura russa moderna; o Ermiterio, antiguidades e pintura antiga; o Museu da Revolução; as camaras historicas do Palacio de Inverno; o Museu Menchikov; o das Minas; o da Cultura Artistica; o do Tolstoi; o da Etnografia e Zoologia; o da Agricultura; o do Observatorio; o da Marinha; a Academia de B-las Artes; o Museu de Higiene; a Exposição Etnografica da Região de Petchora; a Exposição de Arquitectura; o Museu de Geologia. O Jardim Zoologico está igualmente aberto.

## Aviso importante

Toda a correspondência para o Comité Executivo deve ser dirigida a J. Carlos Rates, Travessa do Teraço, 2.

# As unioes de sindicatos

## Moção de ordem para os Nucleos Sindicais Comunistas

A constituição das unioes de sindicatos por concelho é evidentemente um absurdo.

Em França, Italia e outros países, onde a percentagem de população industrial é, sem possibilidade de comparação, mais elevada que a nossa, as unioes de sindicatos constituem-se por departamentos ou regiões e conseguem assim agrupar dezenas de sindicatos e centenas ou milhares de sindicados.

São organizações fortes que dispõem de fundos e que por isso mesmo sob o ponto de vista da propaganda, da acção e da solidariedade alguma coisa de proveitoso conseguem realizar.

Em Portugal, pelo contrario, querendo constituir as unioes de sindicatos no Seixal, em Vila do Conde, Oitão e Cascais, etc., não se obgea a um resultado satisfatorio. As unioes de sindicatos, à semelhança dos grupos anarquistas: *Os alucinados*, *Os arautos da miseria*, *Os filhos da fome* e outros nomes dum jocosu imitativo, nascem e desaparecem sem deixarem vestígios da sua passagem.

Se olharmos para o mapa corografico de Portugal nós vemos distritos inteiros como Bragança, Guarda, Leiria, Vila Real e Vizeu, onde difficilmente se constituíram mais duns de sindicatos.

O distrito de Bragança agrupa, na industria, no comercio e nos transportes, 35.541 pessoas; o distrito da Guarda, 57.780; o distrito de Leiria, 64.314; o distrito de Vila Real, 38.993, e o distrito de Vizeu, 79.210.

Mas é ainda preciso ter em conta os seguintes factores:

1.º—A população industrial acima mencionada está dividida em cada distrito por centenas de aldeias e por isso sem um contacto constante e permanente, o que tem uma influencia decisiva na constituição dos sindicatos.

2.º—Tratando-se de pequenos estabelecimentos industriais e comerciais, uma boa parte da população industrial acima mencionada é constituída por pequenos industriais e comerciantes que não ha conveniencia em agrupar com os assalariados.

3.º—Um decimo da população industrial referida é constituída por militares, sem condições para a luta sindical.

Se ha, pela evidencia destes factos, uma difficuldade enorme em constituir sindicatos nos concelhos, como pretender criar neles unioes de sindicatos?

Por isso os nucleos sindicais comunistas defenderão nas assembleias e nos congressos a divisão do continente nas seguintes regiões de influencia sindical:

I Unioes dos Sindicatos do Minho, abrangendo os distritos de Braga e Viana do Castelo com sede em Braga. Ligação pelos caminhos de ferro do Minho e Douro. Guimarães e Porto é Povos e Famalião.

II Unioes dos Sindicatos do Douro, abrangendo os distritos do Porto, de Bragança e Vila Real, com sede no Porto. Ligação pela linha do Douro, da Régua a Chaves e Foz Tua a Bragança.

III Unioes dos Sindicatos da Beira Alta e Maritima, abrangendo os distritos de Aveiro, Coimbra e Vzeu, com sede em Coimbra Ligação pelas linhas da Companhia Portuguesa, Beira Alta, Vale do Vouga e Santa Comba a Vizeu.

IV Unioes dos Sindicatos da Beira Baixa, abrangendo os distritos de Castelo Branco e Guarda, com sede na Covilhã. Ligação pelas linhas da Companhia Portuguesa e Beira Alta.

V Unioes dos Sindicatos do Tejo e Sorraia, abrangendo os distritos de Santarem e Portalegre, com sede em Tomar. Ligação pelas linhas da Companhia Portuguesa.

VI Unioes dos Sindicatos da Extremadura, abrangendo os concelhos do distrito de Lisboa, situados ao norte do Tejo, e o distrito de Leiria, com sede em Lisboa. Ligação pelas linhas da Companhia Portuguesa, de Leste e Oeste.

VII Unioes dos Sindicatos do Alentejo, abrangendo os concelhos do distrito de Lisboa, situados ao sul do Tejo, e o distrito de Évora, com sede em Setúbal. Ligação pelas linhas do Sul e Sueste.

VIII Unioes dos Sindicatos do Sul, abrangendo os distritos de B-Ja e Faro, com sede em Faro. Ligação pelas linhas do Sul e Sueste.

# A CONSTITUIÇÃO DAS COMUNAS

A idea da constituição de comunas, especialmente em Lisboa e Porto, obedece ao fim de alargar as bases de recrutamento de novos filiados e de exercer se uma acção e propaganda comunistas mais directas e mais intensas nas diversas camadas da população. De facto, a existencia dum Centro apenas, em cidades com a extensa e população de Lisboa e Porto, afrouza toda a acção comunista, faz que os filiados residentes nos pontos exotericos se afastem cada vez mais da organização, pela difficuldade em manterem um contacto assiduo e permanente com ela.

Mas qual a base para proceder e instituir os organismos primarios que mantenham um contacto intimo e permanente com os filiados? As cidades de Lisboa e Porto estão divididas em freguesias. Mas esta divisão por freguesias não obedece a nenhum principio racional e não sabemos explicar porque existe ainda.

Assim, encontramos em Lisboa as seguintes disparidades, quanto à população das diversas freguesias:

| Freguesias               | População   |
|--------------------------|-------------|
| Santa Isabel.....        | 43.233 hab. |
| Conceição Nova.....      | 2.092 "     |
| S. Sebastião da Pedreira | 36.875 "    |
| Madalena.....            | 1.609 "     |
| Anjos.....               | 31.811 "    |
| Charcoia.....            | 1.281 "     |
| Ancantara.....           | 27.490 "    |
| Amexoeira.....           | 435 "       |

Assim, se fizermos a comparação, resulta que a freguesia de Santa Isabel tem cem vezes mais habitantes do que a Amexoeira.

No Porto sucede uma coisa semelhante:

| Freguesias     | População   |
|----------------|-------------|
| Bomfim.....    | 31.587 hab. |
| Novogilva..... | 1.573 "     |
| Cedofeita..... | 31.214 "    |
| Aldoar.....    | 1.310 "     |

Por consequencia, a divisão por freguesias não podia servir-nos. De este modo tivemos que aglomerar as freguesias de pequena população até constituirmos agregados de 20.000 ou mais habitantes, tendo o cuidado, é claro, de juntar as freguesias que fossem contiguas. Este trabalho foi possível realizar, imediatamente, em referencia a Lisboa, não succedendo o mesmo no Porto por quasi metade dos filiados: daquela cidade residiram na freguesia do Bomfim, havendo freguesias, e muitas são, onde não existe mais do que um filiado. Isto não quer dizer que peramos de vista a organização das Comunas no Porto, aguardando apenas o tempo disponível e um provavel crescimento dos filiados: naquela cidade para pôr em pratica no Porto a organização que desde já foi criada em Lisboa.

Eis um quadro que esclarece sufficientemente a divisão que tem por base o aglomerado de 20.000 ou mais habitantes por Comuna, como já dissemos. Esclarecemos ainda, que algumas freguesias como Bomfim, Charcoia, Amexoeira, Carnide, Campo Grande e Lumiar não entram em nenhuma Comuna, ficando directamente ligadas ao Comité Executivo, enquanto não houver nelle os filiados necessarios para a constituição de Comunas.

## Divisão da cidade de Lisboa, com a indicação de numeros, nomes, freguesias e habitantes que compõem as Comunas

| N.º | NOMES                 | FREGUESIAS  | População por freguesia                     | População por comuna |
|-----|-----------------------|---|---|----------------------|
| 1   | Tiberio Graccho       | Beato Antonio Olivais   | 14.909<br>10.856                            | 25.764               |
| 2   | 7 de Novembro de 1917 | Moste Pedral  | 24.636                                      | 24.636               |
| 3   | Karl Liebknecht       | Santo Estevão<br>S. Cristovão e S. Lourenço<br>S. Miguel<br>Sé e S. João da Praça<br>Madalena | 6.089<br>6.645<br>6.810<br>3.341<br>1.609   | 24.494               |
| 4   | Ferrer                | Castro<br>Escolas Gerais<br>Graça<br>S. Thizgo<br>Pechu de França                             | 2.773<br>10.094<br>6.666<br>2.710<br>12.535 | 33.768               |
| 5   | Carlos Marx           | Arroio  | 26.206                                      | 26.206               |
| 6   | Salvador Seguí        | Anjos   | 31.811                                      | 31.811               |
| 7   | Engels                | Conceição Nova<br>Restauradores<br>S. José<br>S. Julião<br>S. Nicolau                         | 2.092<br>6.401<br>10.441<br>3.073<br>3.298  | 25.293               |
| 8   | José Fontana          | Soorru<br>Pena  | 8.905<br>13.742                             | 22.647               |
| 9   | Heno Vasco            | Ezenação<br>Martires<br>Sacramento<br>Mevola  | 10.768<br>2.717<br>4.508<br>12.717          | 21.108               |
| 10  | Vorovsky              | Marques e Pomal<br>Santa Catarina   | 7.880<br>13.666                             | 21.446               |
| 11  | Récin                 | Camões<br>S. Mamado   | 16.679<br>8.168                             | 24.847               |
| 12  | Espartaco             | S. Sebastião da Pedreira  | 36.675                                      | 36.675               |
| 13  | Banton                | Santa Isabel  | 43.233                                      | 43.233               |
| 14  | Deteclase             | Lapa<br>Santos e Velho  | 14.178<br>21.493                            | 35.671               |
| 15  | Babouf                | Ancantara   | 27.490                                      | 27.490               |
| 16  | Parsons               | Ajuda<br>Belem  | 17.693<br>14.679                            | 32.372               |

## O orçamento do operario russo

A Unioes dos Sindicatos de Moscovo publicou estatísticas muito interessantes sobre o orçamento do operario moscovita em 1925. Estas estatísticas confirmam modificações interessantes nas despesas do operario russo. Durante os primeiros anos da Revolução o operario russo despendia com a sua alimentação 62,5 % do seu salario. O alojamento, o vestuario e as demais necessidades (higiene, etc.), absorviam-lhe 27,5 % do salario. Ele vivia portanto, por assim dizer, sem habio e sem combustivels. Ser-lhe ia necessa-

rio 50 % do salario para estas despesas.

Em março de 1922 o trabalhador da região de Moscovo despendia 60 % do salario em viveres e em dezembro do mesmo ano apenas 50 %.

As suas outras despesas aumentaram na proporção desta diminuição. O aumento das despesas culturais (instrução, distração e estetica) é sobretudo notavel. Em 1918 o operario russo gastava em despesas culturais 1,9 % do seu salario e em dezembro de 1922 gastava com estas necessidades 7,4 %, do seu orçamento.

Estes numeros atestam um melhoramento notavel das suas condições de existencia.



UMA VISITA INESPERADA

UM NAVIO DOS SOVIETS NO TEJO

Impressões rápidas sobre a Rússia e a vida a bordo

Como pensam os operários...

O camarada José M. M. Costa Junior que pessoalmente não conhecemos mas de quem temos lido alguns artigos na Batalha escreve-nos uma carta desde destacamos o seguinte:

«Achava muito interessante e trata muitos aspectos para a causa da Bela Nova, que o Partido Comunista, ou qualquer outro organismo revolucionário, realizasse um congresso, sim, mas de todas as correntes revolucionárias, onde sincera e lealmente se trabalhasse para a unificação dos militantes proletários da nossa Pátria.»

Ninguém descreva o futuro que já vem próximo, se unifica, lutando na véspera máxima de que se unifica a força; e assim que nos pensem entender, e que esse congresso se pudesse formar uma frente única, onde as plataformas pudessem cobrir todas as tendências ideológicas, e assim natural era que, se conseguíssemos a formação de um bloco de forças gigantesca que, em luta aberta contra o existente, nos apressasse para o combate final, que acabará com todas as injustiças desta sociedade tal qual.

O camarada Costa Junior é evidentemente uma criatura de boa fé.

A união que ele deseja, sob o ponto de vista ideológico, é impossível e apenas por isto: — é que nós, os comunistas, sabemos para onde vamos e como vamos, numa palavra, sabemos o que queremos. Mas o que quer a C. G. T. e a Batalha? É difícil sabê-lo.

Aqui há tempos vimos em a Batalha um editorial intitulado A nossa directiva e fomos logo na busca de soluções exequíveis que anunciásemos. Que decê-lo!

Em resposta a um jornal burguês, O Mundo, que o havia interrogado a tal respeito, o porta-voz da organização operária portuguesa concretizava assim a sua directiva:

— A nossa directiva? É hoje a mesma que era ontem. Somos pela liberdade contra a tirania, pela igualdade contra a desigualdade, pela solidariedade contra o egoísmo.

— Conclusão: directiva igual a zero, palavreado estéril, fraseologia estúpida, absoluta falência de espírito de realismo.

Para onde quer então o camarada Costa Junior que marchemos com estes revolucionários que não têm duas ideias aproveitáveis na cabeça? Para o vazio, para o nada? Confessemos com muita franqueza que não estamos dispostos a isto.

Você supõe, Costa Junior, na sua sinceridade, que aqueles pobres diabos, que o congresso da Covilhã, num momento de bom humor, atirou às faces do proletariado, como quem lança um gato morto, você imagina que eles já pensaram dois minutos, sequer, no que será a tarefa colossal de reconstituir uma sociedade nos seus múltiplos e variados aspectos, com os problemas complexos da maior produção, do financiamento, da distribuição, da instrução, etc.?

Desiluda-se, camarada. Eles nunca pensaram nisso, porque sabem, certezas, que não é preciso pensar assim. Não o fazem por mal, nós o sabemos, mas é que cada um só dá aquilo que pode dar. E eles, coitados, não podem dar mais do que aquilo.

Todavia, o camarada tem razão até certo ponto. Há muitas questões em que nós podemos trabalhar juntos: — na questão dos salários, na manutenção da jornada de trabalho, na luta contra a carestia da vida e o fascismo, etc., etc.

Mas eles não querem, atirando os interesses do proletariado.

Não é culpa nossa que já o propuzemos e fomos repelidos.

Não tenha dúvidas. A maioria dos operários portugueses pensa como você e desejará ver estabelecido o pacto de frente única entre as diversas correntes do proletariado, política e economicamente organizado.

Ele saberá a seu tempo, confiamos, pedir contas a quem, pela sua inércia, e arreios a este estado de desalento e enfraquecimento que todos nós observamos e lamentamos.

M. LENINE

Os comunistas

e os camponeses

ACABA DE SAIR

Vivi, sabado passado, algumas horas dum saber desconhecido, dum prazer intenso que dinheiro a gum do mundo poderia proporcionar-me.

Um facto, na aparência, banal, um desses incidentes vulgares da vida do mar, a chegada ao nosso porto dum navio mercante, que o vendaval agarrara fortemente no longo da costa portuguesa, demorando-lhe a derrota no ponto de quasi se esgotarem os mantimentos, deu origem a que eu disfrutasse nesse dia a mais reconfortadora das alegrias.

\*\*\*

São umas dez e meia horas. Na administração da Batalha, Manoel de Figueiredo, Mario Domingues e os trocados frases triviais sobre a marcha do jornal. Mario Domingues com a sua placidez inúmera varios assuntos que julga necessario trata-se no jornal e com um pouco mais de animação, aponta como o de mais palpitante actualidade, a estada no Tejo dum navio bolchevista.

Pouse a pena. Sinto-me galvanizado por uma nova energia. O coração palpita-me mais apressadamente, o cérebro parece inundar-se de uma maior claridade. E' que tenho proximo de mim, ali no Tejo, a prova de quanto é admiravel a Russia sovietica, cuja revolução destruindo o poder politico e economico do capitalismo, procura construir no meio dos azares de toda a ordem, uma nova sociedade, procuradora de outras sociedades mais perfectas, que caminharão sempre em busca do sel brilhante e fascinador da perfectibilidade humana.

Arde no desejo de que os meus olhos vejam o que para o meu coração e para o meu cérebro jamais constituiu a menor sombra de duvida. Antego com um prazer estranho, o reconhecimento, pelos adversarios leais, de que a revolução russa foi bem uma revolução proletariana e social nos seus fundamentos e nas suas consequências politicas, economicas, sociais e morais.

Os adversarios desleais — para esse não ha evidencia bastan e na propria verdade dos factos — continuarão escaudando com a mesma impotencia estúpida dos selvagens, que insultam os espaços siderais, donde partem os rugidos do trovão e a pedra incandescente do raio, fenomenos que os aprovaram.

Interrogo Mario Domingues, esta balança entre os tres uma conversação mais viva sobre as possibilidades de irmos a bordo e quanto seria interessante estampar em a Batalha as impressões colhidas. Entendemo-nos e partimos.

Embora os meus camaradas de expedição não militem na tendencia revolucionaria que defendo, eu tenho uma confiança absoluta no seu resultado: a Russia sovietica afirmar-se há incontestavelmente progressiva e revolucionaria naquella sua parvoela minúscula e que aquelle pequeno navio mercante, o primeiro que, depois da revolução, se atreve a spatnar as furias indomitadas do Oceano, muito menos perigosa, todavia, que as furias do capitalismo mundial que só se aplacarão com o seu aniquilamento.

\*\*\*

Supérfluo seria relatar as dificuldades que se nos depararam para irmos a bordo do navio dos Soviets. Valenos na conjuntura o camarada Antonio Henriques, que, posto ao corrente de nossa pretensão, nos acompanhou junto de camaradas da Cooperativa dos Castreiros, os quais imediatamente se puzeram ao nosso dispor.

Indicada a posição do navio, que na muralha do Posto de Desembarque haviamos dividido, ao largo, pela bandeira vermelha que tremulava á popa, o mestre do Iida II dá os sinais para o inicio da marcha.

A atmosfera está pardacenta, uma atmosfera de temporal. O vento sopra com certa violencia e a vaga é algo grossa, mas o gazolina marcha impávido por sobre o encapelado do rio.

As vagas quebram-se com furia contra o costado da lanchoa, desfocando-se em chapadas de agua que nos encharcam o rosto e o fute, mas

nós não arredamos pé. Não queremos perder nenhuma das sensações que nos possa proporcionar a nossa aproximação cada vez maior do objecto dos nossos desejos.

No mar revoltivo, que rugo e ameaça engulhir-nos, mas que a pericia do mestre e a boa estrutura do pequeno barco domam perfeitamente, eu vejo o caminho erigido de espinhos que temos de percorrer para que a voz da revolução proletariana faça ouvir-se potente e atrozadora. Mas a nossa firmeza e a coesão da nossa organização dão de tambem domar, vencer todas as dificuldades que se antepõem á nossa marcha para o futuro.

Estamos já proximo. O gazolina quasi que salta por sobre as ondas. Chove, mas continuamos no nosso posto, á proa.

E' com uma alma nova que eu diviso a branco, no fundo vermelho da bandeira, as iniciais revoltadoras dum grande acontecimento social e que nos diz: « Republica Socialista Federativa dos Soviets Russos ».

De bordo notam a nossa aproximação. Lá no alto, dois marinheiros fitam-nos, naturalmente admirados. Por meio de gestos indicamos-lhes que pretendemos acostar e procuramo-lo fazer por estibordo, mas eles gesticulando por sua vez, indios-nos que devemos fazê-lo por bombordo.

Executada a manobra, notamos logo a escada que dá acesso ao navio.

A noticia da nossa presença já foi espalhada á bordo; na ponte nota-se um certo alvoroço. Vê-se bem que é uma visita inesperada, a nossa. Entre os rostos queimados e as figuras anarcolicas dos homens, destacase a figura duma jovem, loira, que nos sorri e desaparece cheia de vivacidade.

O mar é muito e a acostagem por isso mesmo, torna-se difficil e perigosa. Numa guinada do gazolina consigo deitar a mão á escada de corda e subo laste, com aquella confiança que me dá a convicção de que me encontro entre camaradas, que me encontro, segundo a propria legislação burguesa, em territorio russo, onde reina a ditadura do proletariado.

Figueiredo e Mario Domingues efectuam com os mesmos riscos, a invasão do navio bolchevista.

Ao nosso encontro vem um marinheiro. Mario Domingues dirige-se-lhe em inglês. Pergunta pelo capitão. Somos conduzidos á coberta.

\*\*\*

Encontramo-nos na sala de jantar, á mesa escondem-se comendo alguns tripulantes.

Num relatório nota-se que a ditadura do proletariado demora ali de facto. As relações entre o capitão, os officiaes e os marinheiros perderam todo o cunho de humilhação do inferior para com o superior.

Os tripulantes de todas as categorias penetram na camera sem solicitar permissoo do comandante. Vão e vem livremente, sentam-se e tomam parte na conversação com uma familiaridade notavel. Ha uvas sobre a mesa e de las comemos nós, os visitantes, a instancia do capitão, e comem tambem todos os presentes. Ninguém pede ou agradece. O que ali está é da colectividade.

A jovem loira, bonita e muito inatualmente, que tambem faz parte da equipagem do navio sovietico, pois desempenha as funções de criada de mesa, parcos encontrar-se entre irmãos. Não ha nela o minimo constrangimento, mas antes uma liberdade de accção naturalissima, impossível de confundir-se, sob qualquer aspecto, com o abandono que provoca o abuso de palavras e de acções.

Ela toma parte na conversação, com a mesma liberdade que qualquer dos seus companheiros de trabalho, e as suas rissadas cheias de vida e de frescura animam a palestra. Como não sabe alguma coisa de alemão serve de interprete entre Mario Domingues e o capitão.

Por vezes pede que se dispensem e ausentem-se, vai levantando a mesa nos poucos, conforme cada um vai pontolindo a sua refeição. Esta preocupação

de desempenhar cada um a sua tarefa, nota-se em todos eles. Vem e desaparecem, para tornar a aparecer segundo lhes permitto e trabalho a que estão entregues.

Tudo isto que se observa é bem novo. E' o resultado não só da revolução, mas tambem do seu prolongamento, a ditadura do proletariado, tão insultada pelos innocentes e pelos maus.

Todos os que leram alguma coisa sobre a Russia doutros tempos, sabem quanto de inferioridade, quasi de animalidade, tinha a situação da mulher. O proprio homem, o pária, era um perfeito escravo, mal osando erguer os olhos para o seu senhor.

A revolução sovietica e a consequente ditadura do proletariado, foram como que um banho lastral, que limpou muito que havia de inferior, de mesquinho, de estúpido e de mau nas camadas sociais.

Certamente que nem uma nem outra transformaram os homens em santos, mas o que elas lhes deram foi uma noção mais clara das suas responsabilidades, que os habilitam a melhor compreender e obter a satisfação dos seus direitos.

Na sala de jantar ha já uma algaravia de linguas, fala-se russo, alemão, inglês, espanhol e português. Mario Domingues vai fazendo perguntas, umas vezes em inglês, outras em alemão, que um outro marinheiro vai transmitindo ao capitão, um homem forte, muito simpatico e duma extrema amabilidade, que responde em russo, unica lingua que fala, sentio as suas palavras transmitidas em inglês ou em alemão a Mario Domingues.

Perde-se naturalmente muito tempo e sobretudo muito da clara, da preciosa das respostas. A chagada dum marinheiro que fala o espanhol, veio facilitar o entendimento.

Obtemos os mais pormenores sobre a vida a bordo. A disciplina que reina é a do trabalho. Chá um. nas horas do serviço, desde o capitão ao marinheiro, trata de desempenhar conscientemente a sua missão, como se fosse duma maquina que obedecesse a um todo organico. Fora do serviço são todos os camaradas.

O capitão ganha um pouco mais que os officiaes, estes um pouco mais que os marinheiros, mas os salarios destes superam bem as necessidades da vida. Compreende-se, é um ostium, infelizmente ainda tão necessario para a maioria dos individuos.

A alimentação é a mesma para toda a equipagem.

A bordo de todos os navios da Republica sovietica, é fazendo parte das respectivas equipagens, ha sempre um delegado da organização central dos marinheiros russos. O representante a bordo do Ryleeff, é um rapaz alto, magro, bastante simpatico, de olhos encovados e tristes. E' ele o representante da organização da respectiva industria, e compete-lhe verificar e fazer com que as coisas a bordo marchem segundo as normas sindicais e as conquistas da revolução. Isto vem provar, simplesmente, que o controle não é exercido por agentes especiais dos commissariados do povo, mas pelos representantes da organização sindical.

O camarada russo, que se expressa em espanhol com a mesma dificuldade com que eu o faço, responde do melhor grado das minhas perguntas.

Atualmente, conta ele ainda, na Russia vivo-se regularmente, a fome desapareceu, já se exporta trigo. São muitas as nações capitalistas da Europa que tem relações comerciais com a Russia Sovietica, mas os governos burgueses não lhes convem tornar publico o facto, reconhecem do effeito que isso possa produzir na população. Por isso mesmo não querem reconhecer a Republica dos Soviets Russos, mas seja como for, ela não morrerá.

A situação da mulher russa, sob a ditadura do proletariado, é inteiramente identica á do homem. A uma igual categoria de trabalho corresponde um mesmo salario, quer seja homem ou mulher que o execute. A

Nucleo Sindicalista Revolucionario de Lisboa

Nome em assembléa geral, na proxima 6.ª feira, 17, pelas 21 horas, no Sindicato do Fosseiro do Arsenal da Marinha e Cordoeira Nacional, situada da Graça, para se ocupar de importantes assuntos administrativos e de organização.

Atendendo á importancia dos assuntos a tratar, nenhum dos associados deverá faltar a tão importante reunião.

A comissão administrativa

Vida Partidaria

Federação Comunal de Lisboa

A Comissão Executiva desta Federação, ao entrar no exercicio das suas funções, assuda todos os sinceros revolucionarios e incita-os á pratica duma obra puramente revolucionaria, collocando acima dos interesses de tendencias a causa da Revolução.

Espera ainda esta Comissão que as comunas seus aderentes, não esquecendo que são as células basicas do Partido, e que delas deve irradiar toda a acção partidaria, desenvolvam ao maximo a sua actividade, para que o Partido disfrute a vitalidade de que necessita para o cumprimento da sua missão.

A Federação torna ainda publico que já se encontra reaberta a sede do antigo Centro Comunista, rua do Arco do Marquês de Alegrete, 80, 2.ª, devendo toda a correspondencia ser para ali dirigida.

M. LENINE

Os comunistas

e os camponeses

ACABA DE SAIR

iguais deveres, iguais direitos. A mulher não lhe é vedado o exercicio de qualquer profissão. Ha mulheres que são officiaes a bordo de navios sovieticos.

Em todos os outros países do mundo, o trabalho da mulher é muito mal pago que o do homem, mesmo que a sua produção ultrapasse o igual á do seu companheiro de miseria.

Muito mais desejaría perguntar-lhe, apesar da dificuldade do entendimento, pois o vocabulario de que usamos não pode deixar de ser notadissimo, mas o camarada russo tem que ir aos seus afazeres e despede-se de nós com um sorriso franco e um forte aperto de mão.

Entre a tripulação figuram elementos de varias nações, mas todos, desde o capitão ao mais simples marinheiro, não esquecendo a simpatica Fedotina, nem o immediato e o delegado da organização maritima russa, muito atenciosos, são todos duma ostivante amabilidade para conosco, não daquela amabilidade forçada pelas necessidades da vida, mas a amabilidade sentida que dimana do espirito de camaradagem.

Nota-se sem esforço que ali se vive a ditadura do proletariado, sem alardes ou hipocrisias. Tudo nos indico que ali tambem chegou a revolução, de que vemos nas paredes da sala de jantar cartazes illustrados, comemorativos do seu quinto anniversario: revolução que não encadeia, desejando ardentemente se estendesse a todo o mundo, ao erguermos as tejas do chaminthe que o amavel Saenko, o capitão do Ryleeff, nos offereceu.

Al fozem, patidamente esboçadas, as impressões que me deixou a minha visita a bordo do primeiro navio bolchevista que entrou no Tejo. De actualidade intima em que tenho vivido desde esse momento, nada sei transmitir ao papel. Quando uma de nós uma alegria tão profundamente sentida, nem as palavras nem a expressão gráfica são capazes de transmitir-las com toda a sua grandezza.

Augusto Machado